



Gláucia de Oliveira Assis
Beatriz Padilla
Thais França
Organizadoras

GÊNERO E MOBILIDADES NO TEMPO PRESENTE



TODAPALAVRA
editora

**GÊNERO E
MOBILIDADES NO
TEMPO PRESENTE**

TODAPALAVRA EDITORA

EDITOR-CHEFE

Hein Leonard Bowles

COEDITOR

José Aparicio da Silva

CONSELHO EDITORIAL

- Dr. Alexandro Dantas Trindade (UFPR)
- Dra. Anelize Manuela Bahniuk Rumbelsperger (Petrobrás)
- Dr. Carlos Fortuna (Universidade de Coimbra)
- Dra. Carmencita de Holleben Mello Ditzel (UEPG)
- Dr. Christian Brannstrom (Texas A&M University)
- Dr. Claudio DeNipoti (UEPG)
- Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior (UEPG)
- Dra. Divanir Eulália Naréssi Munhoz (UEPG)
- Dr. Edson Armando Silva (UEPG)
- Dr. Hein Leonard Bowles (UEPG)
- Me. José Aparicio da Silva (IFPR)
- Dr. José Augusto Leandro (UEPG)
- Dr. José Robson da Silva (UEPG)
- Dra. Joseli Maria Silva (UEPG)
- Dr. Kleber Daum Machado (UFPR)
- Dr. Luis Fernando Cerri (UEPG)
- Dra. Luísa Cristina dos Santos Fontes (UEPG)
- Dr. Luiz Alberto Pilatti (UTFPR)
- Dr. Luiz Antonio de Souza (UEM)
- Dra. Manuela Salau Brasil (UEPG)
- Dr. Marcelo Chemin (UFPR)
- Dra. Maria José Subtil (UEPG)
- Dra. Maria Zaclis Veiga (Universidade Positivo)
- Dra. Patrícia da Silva Cardoso (UFPR)
- Dr. Sérgio Luiz Gadini (UEPG)
- Dra. Silvana Oliveira (UEPG)
- Dr. Vanderlei Schneider de Lima (UEPG)
- Dra. Vera Regina Beltrão Marques (UFPR)
- Dr. Vitoldo Antonio Kozlowski Junior (UEPG)
- Dr. Wolf Dietrich Sahr (UFPR)

GLÁCIA DE OLIVEIRA ASSIS
BEATRIZ PADILLA
THAIS FRANÇA
(Organizadoras)

GÊNERO E MOBILIDADES NO TEMPO PRESENTE



T O D A P A L A V R A
editora

▮ 2021 Todapalavra Editora

REVISÃO E SUPERVISÃO EDITORIAL
Hein Leonard Bowles

CAPA, PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Dyego Marçal

ASSESSORA TÉCNICA DAS ORGANIZADORAS DA OBRA
Camila Serafim Daminelli

G326 Gênero e mobilidades no tempo presente/ Gláucia de Oliveira Assis,
Beatriz Padilla e Thais França (Org.). Ponta Grossa: Todapalavra Editora,
c2020.
332 p.: il.

ISBN: 978-65-89612-00-1

1. Migração de gênero 2. Feminização da migração. 3. Mulher
imigrante – representação social. 4. Migração transnacional. 5. Mobilidade
humana. I. Assis, Gláucia de Oliveira (Org.). II. Padilla, Beatriz (Org.).
III. França, Thais (Org.). IV.T.

CDD: 304.8

Ficha Catalográfica Elaborada por Angela Maria de Oliveira CRB9/1111

Todapalavra Editora
Rua Xavier de Souza, 599
Ponta Grossa – Paraná – 84030-090
Telefones: (42) 3226-2569 / (42) 98424-3225
E-mail: todapalavraeditora@todapalavraeditora.com.br
Site: www.todapalavraeditora.com.br

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 7

Rosana Baeninger

INTRODUÇÃO 9

Beatriz Padilla, Gláucia de Oliveira Assis e Thais França

GÊNERO, SEXUALIZAÇÃO E PRECONCEITOS

TECENDO EXPERIÊNCIAS MIGRATÓRIAS: BRASILEIRAS EM PORTUGAL - ENTRE O PRECONCEITO E A SEXUALIZAÇÃO 25

Thais França e Beatriz Padilla

SENTIDOS DE ITALIANIDADES: ENTRE O BRASIL E A ITÁLIA, NARRATIVAS DE MULHERES EMIGRANTES NO INÍCIO DE SÉCULO XXI 57

Gláucia de Oliveira Assis

FORA DE CASA. NOTAS DE PESQUISA E REFLEXIVIDADE 83

Mara Clemente

MUJERES DE LA FRONTERA: APROXIMACIÓN AL COMERCIO FRONTERIZO DESDE UNA PERSPECTIVA DE GÉNERO 109

María Dolores Linares

MULHERES, ASSOCIATIVISMO E REDES

- 137 **REDES MIGRATORIAS Y ESTRATEGIAS DE GÉNERO ENTRE MUJERES ECUATORIANAS RESIDENTES EN SEVILLA**
Francisco José Cuberos Gallardo e Emma Martín Díaz

- 161 **TRAJETÓRIAS DE VIDA DE MULHERES MIGRANTES E A LUTA POR MORADIA: A OCUPAÇÃO CONTESTADO (2012-2015)**
Francisco Canella

- 187 **EMPRESARIOS COMERCIALES DE MUJERES BOLIVIANAS EN COMODORO RIVADAVIA (PATAGONIA ARGENTINA): EL PAPEL DE LOS RECURSOS ÉTNICOS Y LAS ESTRATEGIAS TERRITORIALES**
Myriam Susana González

TRÂNSITOS: FAMÍLIA, GÊNERO E RAÇA

- 213 **POLÍTICAS PÚBLICAS Y DESIGUALDAD(ES) EN MUJERES MIGRANTES: ¿QUÉ APORTA LA INTERSECCIONALIDAD? ANÁLISIS Y REFLEXIONES DESDE EL CONTEXTO PORTUGUÉS**
Beatriz Padilla e Uxue Zugaza Goienetxea

- 261 **NARRATIVAS ENTRE FRONTEIRAS: EXPERIÊNCIAS DE MULHERES CRICIUMENSES NOS ESTADOS UNIDOS**
Emerson César de Campos e Michele Gonçalves Cardoso

- 281 **LOS ALEMANES-BRASILEÑOS COMO MIGRANTES TRASNACIONALES: SUS PAUTAS MATRIMONIALES, FIESTAS FAMILIARES Y LENGUA MATERNA**
María Cecilia Gallero

- 303 **COMER E LEMBRAR: MEMÓRIAS AFETIVAS SOBRE LAR E PERTENCIMENTO DE BRASILEIROS EM LONDRES**
Maria das Graças S. L. Brightwell

- 327 **SOBRE AS AUTORIAS**



FORA DE CASA. NOTAS DE PESQUISA E REFLEXIVIDADE¹

Mara Clemente

O medo de devolver dados não significativos ou de produzir uma autobiografia inoportuna, em momentos autocelebrativa, cravejada de inseguranças, perturbações e jogos de poder, bem como encontros e intuições, deixaram por muito tempo dentro das páginas das notas de campo experiências e emoções relacionadas com a minha subjetividade na pesquisa em que me envolvi.

A minha formação na tradição italiana de Franco Ferrarotti tem certamente encorajado uma concepção da sociologia como ciência da interconexão do social ou ciência de autoescuta de uma sociedade entendida como produto da interação entre atores e circunstâncias sociais (1999). Um social, portanto, compreensível através da “participação” do sujeito de estudo e a troca simétrica, “socialmente situada”, entre pesquisador e pesquisado (1961, 2005). Uma pesquisa entendida em termos de “pesquisa-com” (1981, 2011). A subjetividade ou, melhor, a intersubjetividade, como lugar principal do conhecimento sociológico que, re-humanizando o pesquisador social, humaniza a investigação em si.

¹ Este artigo foi publicado pela primeira vez com o título *Outside home. Notes on reflexivity*, em *Academicus*, n. 15, p. 136-150, 2017. A versão aqui apresentada é resultado de releitura e revisão da versão precedente.

Apesar da adesão epistemológica, teórica, e metodológica, acho que fiz a experiência de toda a ambiguidade e dificuldade daquela que ainda hoje parece configurar-se como uma “reintrodução” do sujeito nas ciências sociais. A tradição popperiana de um conhecimento científico criado, mas não contaminado pelos sujeitos (POPPER, 1935), às vezes, pareceu-me infiltrar-se sem controle sob a pele, com o resultado de um diálogo complexo entre “privado” e “público”, o “sentir” e o “pensar”. Provavelmente, o fato de ser uma jovem mulher e uma jovem pesquisadora num processo de afirmação de uma identidade pessoal e profissional na academia, na negociação contínua com todas as suas lógicas do conhecimento e reconhecimento, contribuiu para essa dificuldade.

No último ano, durante o qual me mudei da Itália, meu país de origem, para Portugal para um projeto de pesquisa sobre o tráfico de seres humanos, foi o campo a sugerir – às vezes, a impor – a oportunidade de articular uma reflexão atenta sobre a minha subjetividade e o meu posicionamento na pesquisa em que estava envolvida. O encontro com a reflexão feminista sobre as migrações² e o seu amplo desencanto com as ilusões positivistas e os dualismos sujeito/objeto e pessoal/político, estimulou ainda mais este processo reflexivo.

Por ocasião de uma conferência em Roma sobre metodologia qualitativa na pesquisa social,³ tentava ir além da declaração da im-

² Lembro aqui, em particular, as experiências e reflexões partilhadas na IX RAM Reunião de Antropologia do Mercosul (Montevideu, 30 de novembro a 4 de dezembro de 2015) dentro do GT “Migraciones y perspectiva de género: regímenes de género, colonialidad e interseccionalidad”, coordenado por Beatriz Padilla, Gláucia de Oliveira Assis e Susana Sassone. Uma experiência anterior comum de investigação, na República Dominicana, provavelmente favoreceu uma identificação nas reflexões sobre a relação com os “outros” compartilhada nessa ocasião por Carmen Gregorio Gil. A estudiosa feminista, “habitando” a própria etnografia, questionava a neutralidade e objetividade do conhecimento científico e enfatizava o valor de um conhecimento que passa através da fisicalidade da pesquisadora, que percebe a realidade através da sua posição espaço-temporal no mundo, os seus sentidos, em suma, o seu “corpo”.

³ Trata-se da conferência “Metodologias qualitativas nas ciências sociais” (Roma, 10-11 de março de 2016), organizada sob o patrocínio da Associação Italiana de Sociologia (AIS), da Secção de Sociologia da religião da AIS e da Universidade de Roma Tre. Durante o evento, desde várias partes foi expressa uma reserva em relação ao título escolhido. Entre outros, distanciou-se dele Maria I. Maciotti, expoente de uma abordagem qualitativa da pesquisa social na Itália, sublinhando uma preferência para os termos “abordagem” ou “orientação” qualitativa ao termo “metodologia”. Rita Bichi, coordenadora da Secção de Metodologia da Associação Italiana de Sociologia, indicava, entre os assuntos debatidos no âmbito da AIS, mesmo recentemente, a necessidade de um entendimento comum dos termos tais como os de “metodologia”, “método”, “técnicas”, destacando as dificuldades de encontrar definições únicas e universalmente reconhecidas dos métodos e das técnicas da pesquisa qualitativa.

portância da subjetividade e da reflexividade no processo de pesquisa e fornecer exemplos com base empírica de como, em diferentes experiências de pesquisa, alguns elementos da minha subjetividade tinham influenciado, entre outras coisas, o acesso ao campo, e tudo que eu tinha percebido, interpretado e publicado.

Após mais de um ano de pesquisa “fora de casa”, voltava a um contexto familiar, mas não me sentia completamente em casa. O evento recebia tradições de estudos heterogêneas, mas com o denominador comum representado pela pesquisa qualitativa. Se, por um lado, havia uma partilha generalizada do pressuposto segundo o qual a pesquisa (qualitativa) é inerentemente estruturada pela subjetividade do pesquisador, por outro lado, o fantasma de sua imparcialidade e a descrição objetiva das práticas em que está envolvido estava reproduzido também na linguagem de alguns pesquisadores – não todos. Uma distância parecia caracterizar as contribuições propostas – novamente não todas – em comparação com uma chamada que pedia uma abordagem reflexiva no processo de produção do conhecimento.⁴ Em suma, durante o evento senti ainda atuais as observações com as quais, mais de dez anos atrás, foram introduzidos dois volumes da revista *Forum: Qualitative Social Research* dedicados à subjetividade e reflexividade na pesquisa social, onde se partilhavam “os medos que o trabalho sobre este tema pode danificar a reputação do cientista” e se ressaltava que o imperativo de afastar a subjetividade do pesquisador está “garantido pelas formas dos projectos de investigação serem avaliados e financiados, e toca os nossos corações, mentes e corpos de uma forma muito básica” (MRUCK & BREUER, 2003).⁵

O encontro tem encorajado sem dúvida não apenas uma prática, mas a necessidade de uma reflexão mais atenta sobre o tema, onde conflui um amplo debate entre diferentes visões ontológicas, epistemológicas e axiológicas das ciências sociais.

Nas páginas que se seguem, através de uma narrativa autoetnográfica, retraço e “habito” (GREGORIO GIL, 2014) algumas das minhas experiências de pesquisa empírica – uma sobre prostituição de

⁴ O evento também acomodava a apresentação de um texto autobiográfico de Franco Ferrarotti – a publicação que viria a ser lançada cinquenta anos após a sua escrita. Cfr. Un anno qualunque. Napoli: Guida Editore, 2015.

⁵ Tradução minha.

menores de idade na República Dominicana e outra sobre tráfico de mulheres e exploração sexual em Portugal. As duas pesquisas envolvem problemas e contextos territoriais, sociais e culturais, econômicos e políticos distantes. Elas têm que ser vistas aqui como etapas sucessivas de uma experiência mais ampla de pesquisa e reflexividade. Uma autoetnografia desta sugere uma leitura da reflexividade como um “processo”.

Este processo começa com uma precisa posição epistemológica que vê na pesquisa um espaço compartilhado, moldado por ambos, pesquisador e pesquisado. Das características pessoais e profissionais, sociais e culturais de ambos, das suas biografias, das suas posições ideológicas e políticas, das respostas emocionais, e das escolhas e decisões tomadas durante o processo de pesquisa. Um processo que pode continuar – não sem dificuldade – com uma reflexão sobre a maneira com a qual a subjetividade do investigador influencia este mesmo processo, na consciência de que, na ausência de tal reflexão, os resultados deste último podem aparecer como características do “objeto” ou “realidades existentes”. A fase seguinte desse processo reflexivo poderá facilitar a partilha de ferramentas que podem ser usadas para destacar e trabalhar reflexivamente sobre a subjetividade.

Em particular, o artigo sugere que certas características e experiências do pesquisador podem afetar, para além de somente a pesquisa, o próprio início de um “processo reflexivo”. Uma delas é o caráter *outsider* do pesquisador, que une as investigações a que me refiro. Um processo de reflexão pode envolver e/ou é desejável que envolva toda a experiência do pesquisador, transcendendo os limites da própria pesquisa. Dentro dele, podem entrar em jogo elementos de subjetividade inesperada; noutros casos, o significado atribuído a estes pode mudar com o tempo ou ter um papel diferente do esperado. Alguns aspectos, objeto de análise desde um ponto de vista epistemológico, como a abordagem reflexiva impõe, podem tornar-se objeto de atenção também ao nível fenomenológico.

PRÁTICAS REFLEXIVAS E A LENTE AUTOETNOGRÁFICA

A reflexividade tem sido objeto de múltiplas interpretações e análises e, na prática sociológica, podemos distinguir diferentes definições que correspondem a diferentes problemas no trabalho de pesquisa.

Nas últimas décadas tem vindo a ser reconhecida como uma estratégia-chave no processo de produção de conhecimento. Em particular, no início dos anos setenta, Alvin Gouldner, cunhando a expressão “sociologia reflexiva”, afirmará que buscar o conhecimento dos mundos sociais também depende da autoconsciência de quem conhece: não pode existir conhecimento do mundo que não seja conhecimento da nossa experiência interior realizada sobre ele e das nossas relações quando se encontra em frente de nós (GOULDNER, 1970). Pierre Bourdieu irá invocar uma forma de reflexividade como o uso dos instrumentos da disciplina a fim de desmistificar a sociologia como uma prática social saturada de poder (2001). Como apontado por Marco Santoro (2015), a concepção de reflexividade de Bourdieu não é nem reflexividade narcisista do etnógrafo que se confessa ao regressar do campo, nem uma focalização moral nas suas experiências pessoais. Nem um simples reconhecimento do condicionamento que pode derivar desde as origens sociais do sociólogo nem uma reflexão pós-moderna sobre o valor relativo do conhecimento (bem pelo contrário – lembra Santoro) e da impossibilidade de uma ciência social. Trata-se de uma “reflexividade epistêmica” que resulta no convite a “objetivar” o “sujeito da objetivação”, no esforço de pensar no objeto da pesquisa com o de pensar em si mesmo como um estudioso que pensa, com uma história e uma posição que não é nunca meramente individual, enquanto determinada pelo mundo social no qual exerce a “profissão de cientista”.

Com o chamado *linguistic turn*, também na antropologia, a reflexividade torna-se uma preocupação teórica e prática central. Ela irá inspirar a experimentação reflexiva de estratégias de escrita que, entre

outras coisas, desafiam a distinção convencional entre estilos subjetivos e objetivos e se propõem devolver as múltiplas vozes que são entrelaçadas na experiência etnográfica (CLIFFORD & MARCUS, 1986; CRAPANZANO, 1980; DWYER, 1982; MARCUS & FISCHER, 1986; RABINOW, 1977).

Também a antropologia feminista, a partir da denúncia da construção *gendered* dos textos etnográficos e da crítica da invisibilidade das mulheres – tanto na academia como pesquisadoras, quanto nos contextos etnográficos como atores sociais –, proporrá uma crítica da autoridade etnográfica e a “polifonia” dos seus textos. Desde os anos setenta, irá afirmar que o pessoal é teórico, além de político (OKELY, 1975): as emoções e a história pessoal não podem ser separadas da análise intelectual. Neste sentido, irá incentivar a ideia do etnógrafo como “observador vulnerável” (BEHAR, 1996; BEHAR & GORDON, 1992) com um convite para explicitar o envolvimento emocional e afetivo do pesquisador como sujeito estudado; rompendo com o tabu da prática de campo assexuada (WEKKER, 2006).⁶

A narração e a abordagem autoetnográfica, que caracterizam este artigo, remetem para uma forma de escrita e um método qualitativo que encontramos também na pesquisa feminista. Allen e Piercy oferecem uma definição da autoetnografia feminista como um “método de ser, conhecer e fazer que combina duas preocupações: a de contar as histórias daqueles que estão marginalizados e a de fazer um bom uso da nossa experiência” (2005, p. 156; minha tradução). Se o conhecimento vem da compreensão política do posicionamento social de cada estudioso, a autoetnografia permite-lhe responder à pergunta “como é que nós sabemos o que sabemos?” (ETTORRE, 2016), destacando as ligações e os diferentes níveis de consciência que ligam o pessoal ao cultural, social e político. Por outro lado, como observado por Ettore (2016), há uma diferença entre contar sua história, como acontece com a autobiografia, e teorizar sua história que caracteriza o autoetnografia. Em outras palavras, no caso de autoetnografia, a história é o *medium* – não o *focus* (KAWALILAK & GROEN, 2016).

⁶ Para uma mais extensa análise das contribuições da reflexão feminista sobre os problemas epistemológicos da disciplina antropológica, ver, entre outros, os trabalhos de Carmen Gregorio Gil (2006, 2014).

Uma autoetnografia de algumas etapas do meu caminho de pesquisa dos últimos anos permitiu uma reflexão sobre a minha subjectividade na pesquisa e os fatores sociais, culturais e políticos que têm influenciado, em diferentes experiências, o meu acesso ao campo, as relações com os sujeitos de pesquisa e as informações compartilhadas. Não só. A narrativa autoetnográfica dessas etapas e a reflexão sobre elas encoraja uma leitura da reflexividade como um “processo” – contraditório, às vezes amargo, certamente não óbvio – em que aspectos diferentes da subjectividade podem entrar em jogo e ter um valor diferente do esperado nos diferentes momentos da experiência de pesquisa mais ampla de cada estudioso.

JOVEM, MULHER, BRANCA, ESTRANGEIRA, COM CABELO CURTO E SOTAQUE ITALIANO

Homens, os próprios cientistas no trabalho são guiados numa certa maneira por desejos e inclinações pessoais: frequentemente são influenciados por interesses particulares dos grupos a que pertencem.

Norbert Elias,
Engagement et distanciation, 1996

Em junho de 2008, com a minha primeira viagem para a República Dominicana, começava também a primeira estadia de pesquisa que realizei para o estudo da prostituição de menores de idade⁷ e do turismo sexual no país. Foi uma pesquisa que realizei no

⁷ Vai além do escopo deste trabalho dar conta do acalorado debate em torno da definição do problema: prostituição de menores de idade ou exploração sexual de crianças e adolescentes? Durante a experiência de pesquisa teria preferido cedo, não sem controvérsia, o uso do termo “prostituição” e da expressão “menor de idade” em vez de “exploração sexual de crianças e adolescentes”. Como argumentei em outro lugar (2011), a venda de sexo, apesar da menor idade dos jovens que encontrei, muitas vezes parece configurar-se como um projeto consciente, acompanhado por determinação e audácia, amadurecido num contexto de restrições e